

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

CRISTIANE PACHECO LOPES PINA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistada - Cristiane Pacheco Lopes Pina (CP)

Entrevistadores - Gleide Guimarães (GG), Fábio de Souza (FS) e Michele Soares (MS)

Data – 04/05/2005

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 53min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PINA, Cristiane Pacheco Lopes. *Cristiane Pacheco Lopes Pina. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2005. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 26p.

Data: 04/05/2005

Fita 1 – Lado A

TF – Entrevista com Cristiane Pacheco Lopes Pina, dia 04 de maio de 2005, para o Projeto Memória das Comunidades de Manguinhos. Entrevistada por Gleide Guimarães, Fábio de Souza e Michele Soares. Fita nº 1. Então, Cristiane, como eu já estava contando para você, nós vamos fazer um trabalho com você sobre a história de Manguinhos. Você vai nos ajudar a contar essa história, desde sua infância... Vai contando com calma, tá, nós não estamos com pressa, você vai falando a sua história: como é que você foi parar aqui, de onde você veio... tá?

CP – Eu morei no (*Arará?*), em Benfica. Aí, isso quando eu nasci, né, praticamente. Aí, depois, eu me mudei para São Cristóvão, que era... eu morava num colégio. A minha avó era merendeira e caseira de lá, e minha mãe trabalhava na cantina. Eu estudava lá no colégio, passei praticamente a minha vida inteira estudando lá, 9 anos, nunca saí de lá, só fui sair quando eu fui fazer o ensino médio. Aí, de lá do colégio eu fui morar em Benfica, lá em Triagem. Aí, em Triagem eu fiquei 3 ‘ano’, e continuei estudando no meu antigo colégio. De lá eu vim para a invasão que teve na comunidade do Mandela de Pedra.

GG – Quantos anos você tinha quando chegou à comunidade?

CP – 8 ‘ano’.

GG – Você chegou, nessa invasão, você chegou com 8 anos?

CP – 8 ‘ano’.

GG – E você ‘tava’ vindo, como você disse, do colégio?

CP – Não, eu vim de lá, de Triagem, já ‘tava’ morando em Benfica, já.

GG – Como é que a tua família tomou conhecimento dessa invasão lá? Como é que essa notícia chegou em Triagem?

CP – Foi pela minha avó, minha avó por parte de pai. Ela descobriu que ‘tava’ havendo uma invasão num terreno, aí, comunicou com o meu pai, porque a gente pagava aluguel, aí minha avó falava que o meu pai pagava muitas contas, não tinha condição, aí, falou, deu opinião com o meu pai pegar um terreno lá. Aí, desde então meu pai foi lá e construiu, descobriu mesmo, viu que ‘tava’ sendo invadido mesmo o terreno, aí, pegou um pedaço de terra e construiu a casa lá.

GG – Bom, a gente ainda não tinha conversado com pessoas que tivessem chegado aqui ainda na infância, né, e a gente teve (??). Como é que foi a tua visão, de criança de 8 anos, chegar numa invasão? Como é que foram esses primeiros (*falam ao mesmo tempo*)?

CP – (*falam ao mesmo tempo*) porque eu morava em Benfica, mas eu nunca tinha ido pra o lado da Leopoldo Bulhões, aí eu fui com o meu pai. Eu falei assim: “Pai, eu não conheço esse lugar, não conheço esse lugar.” “Não, você já passou de ônibus.” “Mas eu não conheço, eu não conheço.” Aí, tinha... havia duas entradas: a principal, que é do lado dos Correios agora, e a outra, que era por dentro dos ‘Correio’, que antigamente não tinha a parte lateral dos ‘Correio’, que hoje em dia é um muro, não havia, era só mato, só mato, e tinha ruínas ali, tipo um terreno baldio, parecia que era casa, mas abandonada, quebrada. E tinha um campo, tinha um campo com... de cimento, só que o cimento era liso, né? Aí... E a primeira entrada, que é agora a atual entrada, né, que é do lado dos ‘Correio’, antigamente era um morro. Aí, eu não entrei pelo morro, eu entrei pelo outro lado porque a gente ‘tava’ de bicicleta, a gente entrou pelo lado que é os Correios. Lá era muito mato, muita árvore, muito, assim... ruínas, assim, tipo casas...

GG – Desabadas?

CP - ... ‘desabada’, aí, eu... muito mato, assim, matos ‘alto’, aí, tinha assim, tipo trilha. Eu me assustei com aquilo, né? “Meu pai, pra onde que eu ‘to’ indo, pra onde que eu ‘to’ indo? O senhor tá me lavando pra o meio do mato, pra ‘mim’ morar na roça?” Aí, ele: “Não, calma, calma, a gente já vai chegar, a gente já vai chegar.” Aí, quando eu cheguei, eu bati de frente com vários... várias casas, assim, eram ‘formada’ por barracos...

GG – Mas já casas, não, né, barracos?

CP – Não, ainda ‘tava’ em construção, ainda, levantando... Ainda tinha gente que ainda ‘tava’ formalizando os ‘terreno’ deles, né, o pedaço de terra.

GG – Sim, (*falam ao mesmo tempo*) como, com que material que eles cercavam?

CP – Ah, às vezes com madeira, só assim, pra botar, né, às vezes com madeira, ou então com fita, aí ia depender do que tinha ali na hora pra cercar. E algumas ‘pessoa’ já ‘tava’ levantando suas ‘casa’ com pernas de três, com a madeira que tivesse. Até telha de zinco tinha gente cercando suas ‘casa’, assim, o terreno, até ter um material melhor pra construir.

GG – E você já ficou nesse terreno? Seu pai cercou com o quê? E a partir de quando vocês já vieram morar efetivamente?

CP – Meu pai cercou o terreno... agora eu não lembro com o quê, mas eu creio que foi com madeiras mesmo, né, cercou com madeira, porque tinha um vizinho, o vizinho cercou a parte dele com telha de zinco. Acho que lá em casa foi com madeira. Aí, meu pai construiu a parte do quarto da minha avó, que agora é o quarto da minha avó, e o restante ficou sendo ainda... tendo que ficar cercado para poder levantar. Então, meu pai não dormia lá, quem dormia era eu, minha mãe, e minha avó, para não roubarem o terreno, e o meu pai dormia

na casa que era da gente, lá em Triagem. Mas a gente foi passar a morar lá depois que construiu tudo, né, *(falam ao mesmo tempo)* a casa toda.

GG – Quer dizer que vocês ficaram durante um tempo dormindo lá só pra tomar conta?

CP – Só pra tomar conta. A gente só ia pra lá à noite.

GG – E como é que era isso para você, como criança, dormir num lugar assim, bastante precário? Tinha luz?

CP – Não, não tinha luz.

GG – Vocês só iam lá pra dormir?

CP – A gente só ia lá pra dormir.

GG - E como era... como é que era...?

CP – De dia a gente ia assim: eu ia pra o colégio, aí, do colégio, já ia direto pra lá. Minha mãe me levava pra lá porque meu pai... pra ir fazer comida pra o meu pai porque meu pai ‘tava’ consertando alguma coisa, ou então, já colocando as pernas de três, ajustando as ‘madeira’. Aí, agora, como era pra mim, era muito ruim porque lá havia muito tiroteio, então a gente ficava com medo. Era barraco, a gente não sabia de onde o tiro ‘tava’ surgindo. Aí, quer dizer, várias vezes a gente tinha que dormir no chão, assim, se jogava no chão, fora que ainda não tinha banheiro lá dentro de casa, e não tinha esgoto. Muita gente, assim, que eu saiba, assim, meus ‘vizinho’, fazia as suas ‘necessidade’ num baldinho, aqueles ‘baldinho’ de tinta, ou então balde, ou... e as suas ‘feze’ ‘era’ num papel de jornal, né, depois embrulhava e jogava no rio.

GG – Em que parte dali você morou *(aqui?)*, você está no mesmo lugar?

CP – No mesmo lugar, desde quando eu cheguei eu ‘to’ no mesmo lugar.

GG – No mesmo lugar. E onde é? É aquela parte mais baixa, onde chamavam de “Bat Caverna”, ou você ficou mais pra próximo da Associação?

CP – Não, na “Bat Caverna”.

GG – Lá embaixo?

CP – É, lá embaixo, fiquei lá embaixo.

GG – E como é que é que... a mudança, esse... O tempo que você tá lá você deve ter observado algumas mudanças.

CP – Houve.

GG – É. Me fala um pouco dessa mudança, como é que foi essa mudança.

CP – Mudança lá... Lá era um tempo, assim, tranqüilo, não havia... não vou dizer que nunca houve bandido, havia, mas não assim, de andar armado no meio da rua, de vender drogas na frente da gente, ainda mais na minha época, eu era criança, assim, as pessoas ‘tinha’ mais cautela pra fumar seus “baseados”. A gente não via qualquer pessoa, assim, no meio da rua, se drogando. A gente... eu, por exemplo, eu ficava na rua até 2 horas da manhã, conversando com meus ‘colega’. Aí, depois, minha mãe me chamava, a gente entrava, assim, na minha casa, que eu entrei pra adolescência, eu ficava até 2 ‘hora’ da manhã. Depois, com o passar do tempo, eu não pude mais ficar ‘esse’ horário na rua, que aí já havia algumas mudanças, já, tipo bandido andar armado, ficar na rua até tarde...

FS – E a casa de Triagem como é que ficou, vocês venderam, alugaram?

CP – Não, era alugada, já era alugada, a casa já era alugada. Aí, a gente conversou com a senhoria, falou que ia se mudar, legal, a gente saiu de lá.

FS – E essas pessoas que vocês encontraram lá, morando, já, na região que era a “Bat Caverna”, tem algum ainda, vizinho, lá? Eles saíram de lá (*falam ao mesmo tempo*)...?

CP – De desde o começo?

FS – É.

CP – Ah, ainda tem bastante gente.

FS – Tem bastante gente?

CP – A minha comadre ainda mora lá, ela mora desde a invasão também. Tem... a mãe da minha... de uma melhor amiga minha, só que a menina já se mudou de lá, mas a mãe dela ainda tá lá também, tá lá desde a invasão, e tem outras pessoas, só... assim, memória... assim, não lembro muito, não.

FS – Essas pessoas construíram outros barracos?

CP – Muitos (*falam ao mesmo tempo*).

FS – (*falam ao mesmo tempo*) outros barracos?

CP – Não, não.

FS – Não. Ficaram só com a casinha deles...?

CP – Só com a casinha deles.

FS – Esses que se mudaram, eles... você sabe, dão notícia pra onde eles foram?

CP – Eu sou sei da minha vizinha, que ela veio da Bahia pra cá, aí, da Bahia eu não sei onde que ela morava, eu só sei que ela veio pra o Rio. Acho que ela morava em algum lugar, e, de lá, desse lugar, ela foi pra “Bat Caverna”. Então, ela também ‘tava’ lá desde a invasão, aí, em 97, mais ou menos, ela resolveu voltar pra Bahia. Então, eu só tenho contato com ela por carta e pelo telefone. Só que desde o ano passado que eu não falo com ela, desde o Natal, desde o Natal que eu não falo com ela, mas eu ainda tenho o telefone de lá, tenho como ter contato com ela.

FS – Você lembra dessas pessoas que chegaram, estavam lá com você, de onde elas eram? Se tinha mais gente da Triagem?

CP – Não, de Triagem não tinha, não. A minha comadre que ainda mora lá, ela veio acho que do ‘Manguinho’, que ela também já morou lá no ‘Manguinho’. Essa mãe dessa minha colega eu não sei... acho que ela veio do Arará, eu não me lembro, assim, direito.

FS – (*falam ao mesmo tempo*) é o...?

GG – Manguinhos, do outro lado da (*falam ao mesmo tempo*).

CP – É, do outro lado.

GG – Provavelmente (*falam ao mesmo tempo*)...

FS – Vila Turismo, (*falam ao mesmo tempo*)...

CP – É, Vila Turismo, isso.

GG - ... CHP2, que o pessoal se refere a Manguinhos (*falam ao mesmo tempo*) lado de lá.

CP – É, esse lado de lá. Aí, pouca gente, assim, eu sei de onde que veio, assim, todo mundo eu não sei, não.

GG – Olha só, falando um pouco da mudança do local, você falou da questão da violência. E da questão da mudança de estrutura de moradia? A gente sabe que... Eu estive lá na “Bat Caverna” na ocasião da invasão, o meu filho também (?) um pedaço lá, e junto com um colega, depois ele abriu mão, não quis, não (?) (*a cabeça?*) (?) lugar, ele não quis. E havia alguns barracos cobertos com aquela lona preta, aquele plástico preto, (*falam ao mesmo tempo*)...

CP – É, tinha muito.

GG - ... bem precário mesmo. Da descida, ali, da padaria até lá embaixo, se levasse um escorregão ia rolando.

CP – Era... não, era assim, era barro puro. Então, se chovesse, né, você ia de (?), né, ia...

GG – É, era horrível.

CP – Era horrível pra descer.

GG – Mas a gente, agora, quando passa por lá, tá asfaltado...

CP – É, tá asfaltado.

GG - ... tem alguma coisa (*mudando?*) (*falam ao mesmo tempo*).

CP – (*falam ao mesmo tempo*) fora as ‘casa’, as ‘casa’, que ainda tem casa de madeira como a minha. Foi muito demorado lá fazerem casa de tijolo porque, até então, o presidente da Associação vivia correndo atrás com a Prefeitura e o Correio pra tentar retirar a gente de lá. Aí, quer dizer, todo mundo, ‘vamo’ botar assim, sonhava com essa saída de lá, então, muita gente demorou a fazer a casa de tijolo, demorou um tempo, até que... uma pessoa (?), “eu sei que eu não vou sair mais daqui, então eu vou fazer a minha casa de tijolo.” Aí, começou. Um faz, aí, o outro: “Tá, vou fazer também.” Aí, hoje em dia tem uma porcentagem lá que já é de tijolo, e outras ainda são de barraco. Agora, a grande mudança foi no ano passado, que era tudo barro, tudo lama, assim. Agora não, agora que tá asfaltado lá, só que não tá tudo asfaltado.

GG – Aqueles bequinhos que saem da (*falam ao mesmo tempo*)...

CP – Ainda tem becos...

GG - ... que descem pra (*Avenida?*) (?) já estão asfaltados?

CP – Não.

GG – (*falam ao mesmo tempo*).

CP – Não.

GG – Continuam do mesmo jeito?

CP – Continuam do mesmo jeito.

GG – E vocês chegaram a pegar enchentes ali?

CP – Ainda tem.

GG – Ainda tem?

CP – Ainda tem.

GG – Você... A sua família sofreu com enchentes (??)?

CP – É, o rio não é de chegar a entrar nas ‘casa’ das pessoas, mas pelo esgoto ‘a’ ‘casa’ das pessoas ‘enche’, a minha casa, principalmente, enche.

FS – *(falam ao mesmo tempo)*?

GG – *(falam ao mesmo tempo)*.

CP – *(falam ao mesmo tempo)*, volta tudo. A minha casa, principalmente, enche.

GG – Quer dizer, todas as vezes que tem uma chuva forte...

CP – Ela enche.

GG - ... que enche o Canal do Cunha, a água retorna pelo esgoto?

CP – Enche tanto pelo esgoto quanto...

GG – *(Pela rua?)*?

CP - ... pela rua, entrando lá pra dentro da casa.

FS – A área da “Bat Caverna” é mais baixa?

CP – É mais baixa.

GG – É mais baixa, ela beira o Canal do Cunha.

FS – É mais baixa, então?

CP – É...

GG – *(É bem?)* baixa, *(falam ao mesmo tempo)*...

CP - ... ainda tem *(falam ao mesmo tempo)* sobre o rio. Antigamente não tinha casas, era só... era aquele “retão” todo, casas pra cá... Agora tem casa lá, até lá na frente, né, beirando o rio. As casas de lá de trás ainda ‘continua’ muito ‘ruim’, que é do lado, beirando o Correio, da parte de trás, e beirando o muro da Embratel, que o esgoto ainda é a céu aberto, que ainda tem... Do lado de cá o esgoto ainda tem as tubulações, né, que os próprios moradores ‘fez’, e o da rua principal, que é a rua da passagem, a Avenida Atlântica, que tem os ‘bueiro’ ‘todo’ ‘feito’ agora, há pouco tempo, com esse... que cimentaram, mas lá pra trás, que beira a Embratel, o esgoto ainda é a céu aberto. E tem... dá muita lama, muito bicho. Ainda tá precário lá, pra o lado de lá, a situação.

GG – Você deve ter, quer dizer, morando lá desde o princípio, você viu a questão... quando aconteceu o incêndio. Como é que foi? Fala um pouco desse incêndio, como é que aconteceu...

CP – O primeiro incêndio?

GG – Ah, teve mais de um?

CP – Teve. O primeiro incêndio foi perto da casa do... do Valério, que é o...

GG – Presidente.

CP - ... presidente da Associação. Aí, foi um corre-corre, mas o incêndio não era muito grave. Aí, teve gente que saiu de camisola, teve gente que já levou quase tudo de dentro de casa, já ‘tava’ lá no Bicão, né, lá perto dos ‘Correio’. Aí, ‘acabaram’ que tiraram o bujão, que era o risco de...

GG – *(falam ao mesmo tempo)*.

CP - ... explosão. Apagaram o fogo, depois voltou todo mundo, ficou todo mundo mais calmo. Depois houve um incêndio perto da minha casa, foi da comadre da minha mãe. A gente não sabe ‘o’ certo como houve o incêndio. Tudo leva a crer que foi o marido dela que brigou com ela, com raiva dela ‘tacou’ fogo, porque todo mundo viu ele depois do incêndio, tipo assim, ainda tinha mato lá, um pouco de mato, o pessoal ainda viu ele. O pessoal tentou correr e viu ele correndo, aí achou que ‘deve’ ter sido ele, mas a gente não sabe porque o filho dele poderia estar ali dentro. Como é que ele ia ‘tacar’ fogo no filho dele? Mas a gente não sabe o que é que aconteceu. Aí, no caso, a gente escutou barulho, as telhas...

GG – Estalando.

CP - ... estalando, aí, minha mãe acordou. Aí, depois, o vizinho de frente falou: “Fogo, fogo, fogo!” A gente saiu correndo, né, assustada, achando que ‘tava’ todo mundo dentro de casa. Minha mãe chorou porque o afilhado dela morava lá, né, e tinha um carrinho, um carrinho não, um velotrol. Aí, ficou parecendo... Quando ‘dormia’ os três na mesma cama, a mãe e os dois ‘filho’, que era a menina e o afilhado da minha mãe, minha mãe achou que as ‘criança’ ‘tava’ dentro de casa sem a mãe. Aí, viu as duas ‘roda’ do velotrol, achou que ‘era’ as ‘cabeça’ das ‘criança’. Minha mãe começou a chorar em desespero, a quer entrar, a querer tirar, achando que ‘tava’ pegando fogo perto das ‘criança’. Aí, depois, a menina, graças a Deus, ela não tinha dormido em casa, como houve essa discussão com o marido dela ela não dormiu em casa. Aí, foi, se juntaram os moradores dali mesmo, carregando baldes e mais baldes de água pra jogar. E o último incêndio, que foi aquele pior, né, que hoje o pessoal ainda ganha benefício, que foi o de lá detrás, também não sei como aconteceu, e foi um desespero só, que aquele foi o maior de todos, e ‘tava’ se alastrando muito rápido. Aí, quer dizer, a gente, pra parar... o pessoal, pra parar o fogo, ‘tiveram’ que tirar a água de dentro do rio, aquela água suja do rio, pra jogar nas outras ‘casa’ pra, tipo, a

madeira ficar molhada, e depois tentar apagar o fogo que ‘tava’ lá. Aí, muita gente já ‘tava’ com as coisas ‘arrumada’. Se o fogo ‘tivesse’ vindo já ‘tava’ tudo pra sair, principalmente lá em casa. Eu fui a primeira a correr, ajeitar as ‘coisa’. Aí, graças a Deus, o bombeiro entrou, mas não tinha, não havia como apagar porque as ruas são muito...

GG – Estreitas.

CP - ... estreitas, não tem como o Corpo de ‘Bombeiro’ nem entrar na rua principal, mesmo ele estando asfaltada, e nem na outra rua, nos outros ‘beco’, que é tudo pequeno!

GG – Não tem hidrante também?

CP – Não tem, não tem nada. Aí, quer dizer, pra apagar o fogo ‘teve’ que ser os próprios moradores com... trazendo água de suas ‘casa’ e até pegando água de dentro do rio.

FS – E esse benefício que você comentou, o que é que é isso?

CP – As que foram a Prefeitura que dá um ajuda de custo, tipo uma bolsa auxílio pra os moradores que moravam lá.

FS – Todos ou os que sofreram (*falam ao mesmo tempo*)?

CP – Só os que sofreram o incêndio.

FS – Quando foi esse incêndio?

CP – Aí, agora pra ‘mim’ lembrar...

GG – Foi em 2000.

CP – 2000? Não...

GG – Teve um em 2000... Esse foi mais recente?

CP – Não, esse já tem um tempo. 2000... Deve ter sido em 99, 99-2000.

GG – Foi próximo daquele... Aconteceu logo depois daquele de Manguinhos, que aquele foi em 99?

CP – Acho que foi, foi porque...

GG – Eu lembro que eu vi a fumaça.

CP – É, em 2000, em 2000, foi em 2000.

GG – Aquele foi em dezembro de 99, nos últimos dias, (?) 28 e 30 de dezembro, (*falam ao mesmo tempo*) já...

CP – Foi em 2000.

GG - ... em 2000 aconteceu, que a gente (??), a gente viu a fumaça subir, ficamos desesperados: “Meu Deus, um incêndio de novo!”

FS – Foi desde então que a Prefeitura concedeu essa bolsa? Eles entraram com ação na justiça, pediram alguma coisa? Como foi é que foi isso?

CP – Isso eu não sei, se pediram ou não, ou se eles, por meio de reportagem, viram aquilo e... e resolveram fazer algo pelo pessoal para não passar em branco, né? Aí, acho que até hoje o pessoal ainda recebe essa bolsa auxílio ‘pelo’ ‘barraco’ lá, dos queimados, como eles dizem.

GG – E reconstruíram esses barracos?

CP – Tem parte que já tem casa lá, e tem parte que não tem, não. Tem parte lá que é lixo puro, que vai da vala até... beira... Aqui tem casa, aí, aqui é um bequinho pra você passar, e aqui já é o lixo.

GG – Assim, (*fica?*) no chão?

CP – É.

GG – Falando desse incêndio, a gente sabe que umas das (?) de incêndio pode ser (??). Como é que foi a chegada da luz e da água ali, no Mandela de Pedra?

CP – A água foi...

GG – Da onde puxaram a água?

CP – Do bicaõ.

GG – Do bicaõ.

CP – É, da...

GG – Quem foi que fez isso, foram os próprios moradores (*falam ao mesmo tempo*)?

CP – Foi, organizaram com a associação, os moradores mais antigos, né, que já ‘tavam’ lá, que ‘tava’ sendo ‘cadastrado’, aí, organizaram e puxaram a água. A luz eu não sei direito como é que veio, mas a luz era precária, a luz... Uma vela iluminava mais do que a própria...

GG – Lâmpada.

CP - ... lâmpada. Aí, então, quer dizer, a gente, pra fazer as coisas à noite, a gente tinha que acender a luz e ainda acender várias velas.

GG – Daí o perigo de incêndio (*falam ao mesmo tempo*).

CP – Daí o perigo de incêndio aumentava. Eu, uma vez... Minha mãe faz bolo, agora que ela parou um pouco, mas ela ainda continua fazendo, então, antigamente ela fazia muito, então, vinha várias (*festas?*). Quem, ajudava ela era eu. Aí, houve um dia que ela teve que fazer um bolo pra uma festa de 15 ‘ano’, e era muito bolo. A gente passou o dia e a madrugada fora, fazendo bolo, e eu cheguei a queimar o cabelo porque eu estava ajudando a minha mãe a fazer um bolo. Aí, tinha... quando eu ainda era pequena – ainda não cresci, não, né? (*rindo*) – eu ainda era menor, aí, quer dizer, a cômoda beirava mais ou menos o meu ombro, então, o meu cabelo batia assim, na vela. Aí, eu ajudando a minha mãe, passei. Nisso que eu passei queimou meu cabelo aqui assim. Minha mãe foi correndo (?). Nesse dia a gente teve que parar de fazer bolo porque a minha mãe ficou com risco de queimar mais uma vez, ou pegar fogo em outra coisa. Aí, a gente esperou o dia clarear, amanhecer, e continuar fazendo no outro dia.

FS – Você falou dessas mudanças. Foi recentemente a chegada da luz? Como foi?

CP – Não, já tem um tempo, já, que a Light foi lá. Tem, mais ou menos, cerca de... dois... não, dois, não, uns 4-5 anos, já, só que com o passar do tempo a luz foi melhorando. Mas, assim, da Light, quando chegou, não tem muito tempo.

FS – E antes utilizavam como, de quê?

CP – A luz?

FS – É.

CP - Eu acho que era puxada pelos fios lá de fora.

FS – Era uma rede que os próprios moradores faziam?

CP – É.

FS - (?) clandestina?

CP – É.

FS – É?

CP – Porque a Light só foi regularizar a luz depois de um tempo, e depois de mais tempo ainda que eles foram fazer as caixas ‘comunitária’ na rede.

GG – Mas a princípio eles chegaram com aqueles relógios individuais, (*falam ao mesmo tempo*)?

CP – Não, não tinha relógio.

GG – Não tinha?

CP – Não tinha. Eu acho que eles só colocaram... chegaram a colocar os postes, e fizeram a ... como é que eu posso dizer...

GG – A extensão, a ligação?

CP – É, a ligação da luz lá de fora ‘pras’ ‘casa’. Depois de um bom tempo que eles vieram a colocar o relógio comunitário em cima dos postes.

GG – Quer dizer, então, que eles... que o Mandela de Pedra nem teve, a princípio, cada casa seu relógio?

CP – Não.

GG – Já foram direto pra esse processo mais recente, mais novo, desse relógio comunitário?

CP – É, relógio comunitário.

GG – E a conta de luz é muito alta ou...?

CP – Não, na minha casa não é, mas varia de casa.

GG – Sei.

FS – Então, agora é individual?

CP – A conta de luz?

FS – Não, (*falam ao mesmo tempo*), o relógio.

CP – Não, o relógio é comunitário, mas sendo que tem, vamos botar assim, fios conectados...

GG – (*falam ao mesmo tempo*).

CP - ... pra uma determinada casa.

GG – Como é (??)?

CP – Pra determinada casa. É uma caixa, vamos supor, tem uma caixa pra 10 ‘casa’. Aí, casa 1, casa 2, casa 3, aí, eles sabem o quanto (?). Aí, a conta... determina de cada casa.

GG – E todos pagam?

CP – Não.

GG – Acumulam a conta?

CP – Acumulam a conta. De um tempo pra cá algumas pessoas passaram a pagar as contas porque... viram a minha mãe pagando e falavam que era besteira, só que houve vários acontecimentos, de polícia entrar e atirar no transformador e queimar o aparelho, ou então ficar sem luz. Pra Light ‘vim’ concertar alguém dali tem que ter a conta paga pra poder chamar a Light. Aí, quer dizer, se eles ‘atira’ lá na porta de casa, um dia, alguém que pagava a conta? Aí, a minha mãe falou: “Viu a besteira aí? Eu ‘to’ pagando a conta. A luz está sendo religada porque a minha conta está paga.” Aí, alguns vizinhos ‘meu’ agora pagam a conta, ‘tá’ até regularizando os atrasos pra ficar em débito com a...

GG – Eliminar o débito.

CP – Eliminar o débito com a Light. Mas ainda tem... há gente que não paga. Tem gente que já tá com uns dois mil lá de conta já.

GG – Como é que é a situação de Saúde lá? Você tem conhecimento de que tenha, assim, muitas pessoas doentes, com determinada doença? Como é que você observa? Como é o seu olhar para essa situação? Você tem conhecimento disso?

CP – Tem pessoas doentes, mas não assim, doenças graves, até porque o pessoal, quando fica doente, recorre logo à Fundação, tem a Fundação. Mas há casos e casos. Por exemplo, tem... Os ‘agente’ ‘comunitário’ da Fundação ‘vai’ nas casas, mas, se você passar mal e precisar de ir na Fundação, você não pode porque você tem que tá com o seu cartão marcado.

GG – Não tem Emergência?

CP – Não tem Emergência. Aí, quer dizer, a pessoa tem que recorrer a outros hospitais, e ficar até rodando em outros hospitais até achar um lugar que te atenda. Ou então, se você precisar de uma consulta, por mais que ‘seje’... por mais que você espere, às ‘veze’ aquela agente não passa na sua casa pra poder marcar aquilo pra você. Ou então, você não tem nem cartão pra ter aquilo marcado. Eu, por exemplo, quando eles... quando a agente de Saúde foi lá em casa fizeram o cartão da minha mãe, o cartão da minha avó, mas o meu não fizeram, ou seja, tipo assim, “ela nunca vai ter doença, pra que ela precisa de cartão?” Aí, hoje em dia... hoje que ‘tão’ renovando o cadastro. Aí, foram lá em casa, agora fizeram o meu cartão, mas ainda não chegou. Aí, quer dizer, se eu precisar de alguma coisa ainda não posso me consultar porque meu cartão ainda não está pronto. Minha mãe e minha avó

‘pode’ utilizar acho que o antigo, mas eu não posso usar nada porque eu não tenho o cartão, não posso me medicar, ou então pedir um médico pra mim se eu estiver sentindo alguma coisa, pedir pra marcar, eu não posso porque eu ainda não tenho cartão.

FS – Os agentes de Saúde vão até você, a sua casa, e marcam, remarcam o seu cartão, depois passam para o médico...

CP – É, ‘passa’ pra o médico, mas sendo que há... ‘vamo’ botar 20 agentes de Saúde. Cada um é pra uma rua, aí... ou isso, um certo dia. Tem agente de Saúde que tá lá todo santo dia, mas ‘vai’ na casa deles, que eles têm que ir. Agora, o da minha rua, ela não passa, e, quando passa, não pára lá em casa. Ela, antigamente, ia lá todo santo dia, porque tinha uma vizinha minha, que também já estava lá desde a invasão, só que ela viajou... (*interrupção da fita*)

Fita 1 – Lado B

FS – Cristiane, você estava falando dos incêndios, fala um pouquinho também do...

GG – Enchentes.

CP – Enchentes.

FS - ... das enchentes que estavam ocorrendo nessa... quando foi, em que afetou vocês, sua casa, seus vizinhos.

CP – Lá, antigamente, não tinha asfalto, então, ficava pior porque a gente não sabia em que é que a gente ‘tava’ pisando realmente, na água. A água vinha até a canela. Lá em casa enchia o quarto da minha avó, que é a parte mais baixa, e, às vezes, ia até a cozinha, ou então ao quarto. Com essa enchente a gente já perdeu a geladeira, que estragou, o fogão, embaixo, que enferrujou, e máquina de lavar. Agora, na casa dos vizinhos eu não sei o que eles perderam, mas que enche, enche, enche tudo lá, assim. Hoje em dia ainda enche, mas a rua principal não enche tanto porque eles asfaltaram e fizeram uma rede de esgoto melhor do que a era antes.

FS – Rede de esgoto. Tem rede de esgoto ou vai direto para o rio?

CP – É, vai direto pra o rio.

FS – Vai direto para o rio? Ah, então, não é essa rede de esgoto, né?

CP – É.

FS – Então, essa obra não ligou a rede de esgoto de vocês a nada? Não teve obra da (*Pró-Face?*), não?

CP – Não, aquela obra era pela Prefeitura, né, que a Prefeitura...

GG – Não sei.

CP – É, mas a Prefeitura que pagou, a Prefeitura que pagou. Só que eles fizeram à maneira deles, porque ‘era’ moradores, não foram pessoas qualificadas para fazer aquele trabalho, era o próprio morador. Houve um mutirão lá, a Prefeitura ‘tava’ pagando o material e pagando... Eu nem sei se foi direito a Prefeitura, deve ter sido algum deputado, alguma coisa assim. Aí, fizeram um mutirão de moradores, com o material que tinha, e fizeram, fizeram o asfalto e essa rede lá, que botaram o bueiro, ficou até melhor, e não enche tanto lá na frente.

FS – Mas enche?

CP – Enche assim, as partes um pouco ‘baixa’ que a água não dá, tipo assim, aquelas pocinhas, mas encher como enchia, não. Agora, os becos que não são ‘asfaltado’ e que não têm bueiro ‘enche’ pra caramba, ‘enche’ muito, e lá ainda fica lama porque não tem asfalto.

GG – Cristiane, fala um pouquinho pra gente sobre a questão do lazer, que quando você chegou lá, ainda criança, criança tem que brincar. Como é que era brincar num lugar onde não tem nada, onde não tem mato... Eu reparei que lá os moradores conservaram, assim, boa parte da vegetação. É claro que não devem ter ficado todas as árvores, mas (*falam ao mesmo tempo*).

CP – Não, é.

GG – Como é que foi brincar, como é que foi crescer num lugar onde não tem muita opção de lazer?

CP – Lá as árvores são poucas, só tem as árvores em locais que o pessoal não ‘quiseram’ retirar a árvore para ‘construírem’ as ‘casa’. Agora, na parte anterior, quando eu era criança não tinha nada. A única coisa que a gente podia fazer era andar de bicicleta. Aí, a quadra que eu falei que tinha, cimentada, os ‘garoto’, às vezes, jogavam bola lá. A gente ou ia lá andar de bicicleta por lá quando voltava do colégio, andar de bicicleta, de patins, naquela quadra, que era o único lugar que dava pra eu andar de patins, que era liso lá, e a gente brincava no mato mesmo. Com um tempo, lá, baixaram um pouco os ‘mato’, né, aí, a gente brincava no mato, ainda mais de “pique-esconde”, de tarde, ou então o que é que a gente fazia? Subia em árvore, a gente passava o tempo subindo em árvore, pegando manga, pegando jamelão, pegando amora, e assim ia.

GG – Essa quadra que você fala, que eu nem sabia que tinha esse espaço, essa outra entrada, hoje não tem mais, né?

CP – Não.

GG – Onde é que está essa quadra? Ela ainda existe...?

CP – Não, é o Correio agora.

GG – Ah, o Correio que ocupou?

CP – É. É, porque era a área todinha agora, nova, do... da entrada do Correio, que era... O muro que beira a entrada do Mandela, daquele muro pra lá, até uma certa parte, já era mato, era a mato, a quadra, e as ‘ruína’. E do mato pra lá já era o Correio, mas não era assim, “nossa, que Correio é aquele!”, ainda tinha como entrar por dentro do Correio, dentro do mato. Aí, depois, com o tempo, que foi tirando, retirando os matos e fazendo... e cimentando lá. Foi quando acabou com a quadra que o pessoal jogava. Acabou com as árvores, né, da... que a gente pegava manga, tudo, e fez o muro.

GG – Você, quando veio para cá, já estudava?

CP – Já.

GG – E como é que foi continuar estudando, sua família te transferiu ou você continuou voltando para a escola onde você estudava?

CP – Não, continuei no colégio. Minha avó que me levava pra o colégio. Tinha uma colega minha, na época, que também estudava comigo, que morava nos ‘apartamento’, aí...

GG – Você estudava onde?

CP – Em São Cristóvão, no Colégio Nilo Peçanha. Aí, minha avó ia, eu e minha avó ‘ia’ até os ‘apartamento’ lá, ‘buscava’ essa minha colega, ‘atravessava’ e ‘pegava’ o ônibus novamente, e depois ‘voltava’ pra casa, só que aí, a gente tinha que andar um pouco. Não precisava andar, mas como a gente ia buscar ela pra ela não ir sozinha, a gente andava. Aí, eu não tive que mudar de colégio por causa da troca de... mudança de lugar.

GG – E (as?) outras (*falam ao mesmo tempo*) onde estudam crianças, jovens e adultos que moram lá desde o início da ocupação?

CP – Lá a maioria do pessoal não estudava na época que chegou lá, que já chegou bem novinho lá, na faixa dos 4-5 ‘ano’. Alguns já estudavam, continuaram nos seus ‘colégio’. Os que não estudavam ‘passou’ a estudar no colégio que tinha lá, que é o “Brizolão”... Só não sei se na época existia o “Brizolão”...

GG – Já.

CP – Já existia?

GG – Existia.

CP - Então, o “Brizolão” e o Colégio Municipal Moreira Cerqueira, aí, o pessoal foi estudar lá.

FS – Continua não havendo lazer naquela área, né?

CP – Continua não havendo lazer.

FS – Você tem que sair dali pra ir pra outro lugar...

CP – No caso, se uma criança quer brincar numa praça tem que sair de lá, ir até o Mandela 1 pra ir brincar na praça. E agora a praça foi reformada também, no Mandela 1, agora que tem uma praça legalzinha lá. Pra jogar, garoto que gosta de jogar, tem que sair de lá do...

GG – Mandela de Pedra.

CP - ... Mandela de Pedra e ir até o local onde tem quadra, ou lá no Arará, ou lá na Mandela 2, ou na Mandela 1, pra poder jogar.

GG – E comércio? Eu vivi a experiência de... viver assim, chegar no Nelson Mandela, e a gente amanhecer, e ter lá um senhor...

CP – Umas barracas.

GG - ... coisas... Lá não tinha nem barraca ainda. Como é que foi pra você amanhecer num lugar, começar a viver num lugar totalmente diferente, e comércio... Você viu ‘surgir’ as primeiras barracas, as primeiras tendinhas, (*falam ao mesmo tempo*)?

CP – Vi, até que o...

GG – E tem alguém que ainda tá lá, desde o princípio (*falam ao mesmo tempo*)?

CP – O (*Cisso?*), o (*Cisso?*), ele... assim que ele fez a casa dele, ele pegou um terreno bem grande. Ele pegou um terreno pra casa dele e um terreno de frente. Esse terreno de frente ele fez logo um bar, um bar que tinha tudo. Hoje em dia é mais bar do que o que tinha, porque antigamente era tipo uma mercearia, então, tinha quase de tudo ali. Aí, ele ainda tá até hoje lá, e até ampliou um pouquinho o negócio dele. E a casa dele já é de tijolo, já, né, a casa e o bar dele. Aí, hoje em dia é bar. De pouquinho em pouquinho ‘foram’ havendo ‘bar’, assim, bar, quitanda, que ‘vendia’ as ‘coisa’. Mas o comércio legal, mercado, mercado agora que tem, agora, ‘vamo’ botar assim, uns 2-3 ‘ano’ que tem mercado, um mercadinho pequeno. Uma coisa que não tem lá é lojas de roupa, não há lojas de roupa, calçado, nada (*falam ao mesmo tempo*).

GG – Chegou a haver, né?

CP – Hã?

GG – Chegou a haver uma *boutique* lá, com a porta envidraçada, (*falam ao mesmo tempo*)...

CP – É a... Não, e era a... da Nêga, da Nêga, ela vendia, mas não vendia roupas, assim, era mais roupa de criança, tinha mais roupa de criança. Aí, lá era... tinha de tudo: tinha *flipper*, tinha bar, tinha uma quitandinha que havia ‘cosmético’ e roupas...

GG – (*falam ao mesmo tempo*) padaria?

CP – Não, padaria lá não ‘teve’, não. Agora que, também há pouco tempo, veio a ter padaria lá, que antes não tinha padaria.

GG – Chegou a ter uma cá em cima, perto, mais próximo da Associação. E aí, agora tem outra lá na esquina, né, (?) rua (*falam ao mesmo tempo*).

CP – É, não, antes dessa da esquina, que era a descida, tinha lá embaixo. Aí, fechou, aí, abriu a de lá de cima, agora abriu de novo, fechou novamente, agora tá pra abrir a de lá de baixo. Aí, são duas padarias só. E supermercado, que é o supermercadinho, só tem dois, que é um de frente pra o outro, e aparenta ser do mesmo dono, não sei se é do mesmo dono. Mas é um supermercado pequenininho, então, quer dizer, pra quem gosta de fazer grandes compras, ou tem que ir no Mandela 2, que tem um supermercado legal, ou tem que ir...

GG – No 2 ou no 1?

CP – Na 2, descendo pra o 1, é porque desce...

GG – É no 1 (*falam ao mesmo tempo*)?

CP – É no 1, no 1. Aí...

GG – (*falam ao mesmo tempo*)...

CP – ... (*falam ao mesmo tempo*) agora é o Presunic, né? É só assim pra fazer compra, que compras pequenas, assim, coisas assim, de necessidade naquele momento, ali só tem aqueles dois mercadinhos.

GG – Qual o comércio que mais tem lá? Eu reparei que... andando (?) Arará...

CP – É bar.

GG - ... reparei, no Arará tem muito cabelereiro. Ali o que é que mais tem? Bar?

CP – É, bar.

GG – Bar e locadora?

CP – Locadora só tem uma...

GG – É?

CP - ... que é lá perto da Associação.

GG – Ah, sim, aquela antiga?

CP – É.

GG – Então, o que mais tem é bar mesmo?

CP – Bar.

FS – Cristiane, fala um pouco pra gente da origem desse nome, “Bat Caverna”. O que você sabe?

CP – (*rindo*) Dali eu não sei nada. Eu não sei nem como esse nome surgiu, eu acho que era porque o lugar era muito feio, o lugar era muito feio. Então, eu acho que surgiu esse nome dali, porque era só mato. A entrada era muito feia, porque você tinha que subir um morrinho e descer correndo, né, praticamente você descia correndo aquele morrinho. Você olhava pra o lado, era mato e ruína, do outro lado, só mato. À noite, então, parecia... se fosse tudo tampado seria tipo uma caverna mesmo, porque era só mato, assim, e aquilo tudo escuro. Você só via os vaga-lumes, assim, o que iluminava a rua eram os vaga-lumes. E hoje em dia ainda não tem iluminação porque aquela Avenida Atlântica, que é a rua principal, ela fica iluminada por causa do...

GG – (?).

CP - ... refletores do Correio.

GG – Do Correio, né?

CP – Do Correio. E depois de um tempo que os moradores foram colocar extensão com lâmpadas, e assim mesmo tem dia que elas não ficam ‘acesa’, então, quer dizer...

GG – (*falam ao mesmo tempo*) iluminação pública não tem?

CP – Não tem.

GG – Se o local é iluminado é por causa da casa das pessoas?

CP – É, das ‘casa’, que os moradores colocaram aquelas luzes lá, aquela fileira de luzes lá, de lâmpadas. E, se não acender aquelas lâmpadas, o refletor do Correio ilumina aquela passagem.

FS – E como é que você se vê? Você se vê uma moradora da “Bat Caverna” ou da Mandela de Pedra?

CP – Mandela de Pedra, Mandela 3... Esse nome até saiu um pouquinho da...

FS – Você não sabe qual é o nome (*que?*) (?), como é que é?

CP – Mandela de Pedra, hoje é.

FS – Mandela de Pedra?

CP – É, Mandela de Pedra.

FS – E aí, quando alguém pergunta onde, exatamente, é que você diz “Bat Caverna”?

CP – É, o pessoal conhece como “os barraquinho”.

FS – Os “barraquinhos”?

CP – É, falam assim: “Ah, você mora...” “É, tem um nome esquisito, “Bat Caverna”. Aí, quando não conhece como “Bat Caverna” conhece como “barraquinho”, os “barraquinho”.

GG – É porque é uma subdivisão, porque, na verdade, tem todo o espaço da Mandela de Pedra. Esse pedaço mais precário que é “Bat Caverna”, essa descida, mas tem outros ‘espaço’ que eu nem sei se tem outro nome, ou se tá mais no geral. Agora...

CP – Não, tá no geral.

GG - ... as pessoas se referem como um todo, ou Mandela de Pedra, ou “os barraquinhos”.

CP – É.

FS – Eu estou falando isso porque a Prefeitura cadastrou a região como “Bat Caverna”.

GG – Brincadeira!?

CP – Sério?

GG – Ah, quando fizeram essa obra lá, colocaram uma placa lá, perto da Associação, estava “Mandela” de Pedra.

FS – (??). Não só não tem Mandela de Pedra...

CP – Sacanagem! (*rindo*)

FS - ... (*falam ao mesmo tempo*) pedacinho menor que tem... tá com o nome de “Bat Caverna”, (*inaudível*).

GG – É brincadeira isso!

CP – Eu não sabia disso, não.

GG – Eu também não, essa é novíssima!

CP – Eu não sabia disso, não.

GG – E qual é a sua perspectiva? Como é que você hoje... Você tá estudando?

CP – Não, já terminei o 2º Grau.

GG – Terminou?

CP – Terminei.

GG – O que você pensa da sua vida, do seu futuro, nesse lugar? Quando você se vê, passou desde a origem desse lugar até agora, você já terminou o ensino médio, o que você pensa em fazer da tua vida em relação a esse lugar? (*falam ao mesmo tempo*)...

CP – Sair de lá, sair de lá, que desde que a gente entrou a gente nunca gostou de lá. Aí, então, desde o primeiro momento que a gente pisou lá a gente sempre teve a vontade de ter a nossa casa própria, mas em outro lugar, não ali, nem no Mandela 1, nem no Mandela 2, nem no Manguinhos.

FS – (*inaudível*)?

CP – Em Benfica, São Cristóvão, que era o lugar onde que a gente morou também, em São Cristóvão, que era um lugar até bom de se morar. Então, assim, ainda mais com tudo que a gente passa, com água entrando dentro de casa...

FS – Então, você quer...

CP - ... vira e mexe a queda de luz estraga os aparelhos...

FS – Você quer se mudar de lá por causa dessas desvantagens todas (*falam ao mesmo tempo*)?

CP – É, também.

FS – O que é que você acha que teria nesse lugar novo onde você quer morar e não tem no lugar, hoje, onde você mora?

CP – Não tem?

FS – O que é que você acha que teria nesse lugar que você quer morar?

CP – As condições, né, que eu acho que se eu for, dependendo do lugar que eu iria morar, não enchesse a minha casa, a queda de luz para estragar os aparelhos também não teria, a casa seria de tijolo...

GG – Você tem esperança ainda de que esse lugar pode ser transformado, você acredita que ele ainda possa ser transformado, ou *(falam ao mesmo tempo)*...?

CP – Eu ouvi boatos que poderiam fazer lá como favela-bairro. E também há boatos que tem... a Prefeitura tá (?) dinheiro pra sair...

GG – Indenizar *(falam ao mesmo tempo)*?

CP - ... indenizar, pra tirar. Só que dentre esses ‘boato’ há boatos, boatos que a Prefeitura já liberou o dinheiro da indenização, só que o presidente da Associação acha muito pouco, e fala que os moradores não aceitaram e querem mais. Aí, querem mais pra quê? ‘Tão’ dizendo que ele tá pedindo mais pra que ele tenha uma porcentagem disso tudo, de cada morador. Até pra vender lá, eu não sei se isso já acabou, mas pra vender casa lá você tinha que dar o seu preço, pegar uma quantia e dar outra pra Associação.

GG – O mesmo processo da Fundação Leão XIII, o mesmo (?), *(falam ao mesmo tempo)*.

FS – *(falam ao mesmo tempo)* *(inaudível)*?

GG – Provavelmente, provavelmente.

CP – Fora que agora, assim, a situação lá, com o desenvolvimento, o presidente não deixava nem um projeto entrar dentro da comunidade, assim, eu não sei se é porque a maioria dos projetos era do Governo, e ele era ligado à Prefeitura... Agora...

MS – *(inaudível)* *(falam ao mesmo tempo)*...

CP – Ele ainda é, né, ligado à Prefeitura.

GG – Aí, quer dizer, só entra se for pela Prefeitura?

CP – É, os ‘projeto’ que tinha lá só ‘entra’ pela Prefeitura. Agora tem um projeto, do rio.

GG – É, sei, “Guardiões do Rio”?

CP – “Guardião do Rio”, tem lá. E agora entrou o projeto, só que do Governo, não sei, graças a Deus ele deixou entrar, que é o “Jovens Amigos da Comunidade”. E se entrar mais

algun eu não sei se ele vai barrar ou não. O da CEDAE também é pela Prefeitura... Aí, quer dizer, muitas coisas que poderiam haver lá dentro ‘era’ pela Prefeitura.

GG – Cristiane, como foi, na sua visão inocente, lá, de criança chegando, que esse presidente chegou a ter esse poder todo? Quando você chegou lá ele já era presidente? Ele já estava (*falam ao mesmo tempo*)...?

CP – Ele foi... foi ele... O que eu soube inicialmente, [quando] eu cheguei, foi que ele foi que tinha reunido um pessoal, né, pra invadir lá. Agora, quem elegeu ele como presidente eu não sei, ou se ele mesmo se candidatou: “Eu sou o presidente. Como eu descobri esse lugar eu sou o presidente.” Isso eu não sei.

GG – Existe alguma outra força política que se opõe a ele dentro da comunidade? Existe algum grupo, alguém que fale o contrário do que ele fala?

CP – Não, até porque os... ‘vamo’ botar... aliado é uma palavra muito forte, as pessoas que ‘tava’ no meio, com ele, dentro da Associação, também ‘é’ ‘voltada’ para a Prefeitura, até hoje, como a Zilá também, a antiga de lá.

GG – (??).

CP – Ela é voltada pra Prefeitura, tudo dela é César Maia na cabeça. E fora as outras pessoas que também ‘tava’ no meio, ‘é’ ‘tudo’ ‘voltada’ pra Prefeitura. Até agora não chegou ninguém que batesse de frente com ele e falasse: “Ah, esquece a Prefeitura, ‘vamo’ partir pra outro setor, outro...”

GG – Outro caminho.

CP – “... o Governo, outro caminho.” Até agora não vi ninguém bater de frente com ele, não.

FS – Ele também, talvez, não queira isso, né? Ele tem relações com a Prefeitura, ele conhece a Prefeitura?

CP – Conhece, conhece porque ele faz campanha política!

FS – É, então, ele faz campanha dentro da comunidade?

CP – Faz, ih, demais.

GG – (*falam ao mesmo tempo*).

FS – Como é que funciona essa campanha? Fala pra gente.

CP – Como é que funciona?

FS – É.

CP – Ah, é eleição. Junta o pessoalzinho dele, familiares, amigos... Sempre tem alguma coisa inovando lá. No ano passado foi essa obra, acho que acabou o ano passado, né, a obra do asfalto lá. Então, foi da Prefeitura. Isso era o quê? Pegar voto. E ele faz a campanha dele, né, colando cartazes, entregando panfletos, pra Prefeitura...

FS – Mas ele faz isso de graça, ele ganha pra isso?

CP – Ah, com certeza ele ganha, com certeza ele ganha pra isso.

FS – Você sabe disso?

CP – Mas nada a gente faz de graça, hoje em dia acho que nada a gente faz de graça. Sempre tem que ter alguma coisa no meio disso. Porque ele quer, ele diz que ele quer que a comunidade saia, e faz trabalho de graça pra o...

FS – Prefeito?

CP - ... pra o prefeito? Ajuda ele na campanha dele sem receber nada? Então, quer dizer, deve ter dinheiro no meio disso, e há, né, porque se não houvesse ele chamaria todos os moradores pra ajudar na campanha política, mas não. Esse negócio de campanha política é só entre os que eles querem, tipo, se tem um amigo íntimo, vai o amigo, se tem alguém da família, bota alguém da família pra fazer campanha eleitoral, ou seja, alguém da minha família vai ganhar. Vou botar gente diferente pra ganhar? Então, há dinheiro envolvido nisso.

FS – (?) fazer uma pergunta, Cristiane?

GG - Será que deixamos alguma coisa de fora, não?

FS – Não, acho que não. Bom, Cristiane, obrigado, então, tá?

CP – Nada.

FS – Obrigado pela entrevista. Depois eu vou passar pra Tânia, a gente vê isso. Obrigado.

CP – De nada.

GG – Valeu, obrigadão.

* A fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 53 minutos).